

## **O FÓRUM QUADRILATERAL E OS NOVOS CAMINHOS PARA A REGIONALIZAÇÃO NA ÁSIA CENTRAL E MERIDIONAL**

The Quadrilateral Summit and the new paths to  
regionalization in Central and Southern Asia

*José Miguel Quedi Martins<sup>1</sup>*  
*Cassiana Borilli<sup>2</sup>*  
*Edson J. Neves Jr<sup>3</sup>*  
*Larleciane Piccolli<sup>4</sup>*

### **Introdução**

Este artigo trata da formação do Fórum Quadrilateral (Afeganistão, Paquistão, Rússia e Tadjiquistão), criado através das Cúpulas de Dushanbe (2009) e Sochi (2010). Elas marcam tanto a volta da Rússia como ator de peso no “Grande Jogo” no sul e centro da Ásia quanto a afirmação de um novo tipo de regionalização baseada na cooperação “Sul-Sul”.

O “retorno” da Rússia não se dá no contexto de uma mera expansão imperial como nos marcos do século XIX, mas no âmbito do desenvolvimento de estratégias e parcerias de cooperação entre países emergentes suscitado após a crise de 2008. Trata-se de importante ponto de inflexão na diplomacia regional, até então caracterizada por divergências e pela busca de parcerias extrarregionais, e que agora passa a contar com uma agenda que contém expressivos elementos de consenso, exemplificados na regionalização.

---

<sup>1</sup>Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Estratégicos Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade América Latina/Montserrat.

<sup>3</sup> Doutorando em Estudos Estratégicos Internacionais, Mestre em Relações Internacionais e Licenciado em História, todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>4</sup> Mestranda em Estudos Estratégicos Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade América Latina/Montserrat, e Bacharel em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)

A iniciativa cresce em importância se considerados o ritmo da retirada estadunidense da região e as graves pressões econômicas pelas quais passa aquele país. Trata-se de um arranjo que envolve, para além da segurança (terrorismo e narcotráfico), a infraestrutura, e a governança regional com a possível inclusão do talibã no governo afegão. Nesta perspectiva o concerto em Dushanbe/Sochi tem grande importância também para os Estados Unidos. Resta saber até onde a presença da Rússia no centro e sul da Ásia poderá ser percebida como um contraponto à forte presença chinesa, robustecida por suas redes viárias que constituem versão parcial da denominada “Nova Rota da Seda” (STAR & KUCHINS, 2010). Apesar de ausente, desde logo pode se considerar a Índia como uma das maiores beneficiárias da iniciativa: obtém ganhos econômicos com o TAPI (Turcomenistão, Afeganistão, Paquistão e Índia), de segurança (combate à insurgência *pashtun* no Afeganistão e Paquistão) e posiciona-se discretamente para tornar-se a potência regional fiadora da integração no sul e centro da Ásia.

Ainda é muito cedo para saber qual será o papel do quarteto no centro-sul da Ásia. Contudo, o simples fato de articular duas regiões, três processos de integração (ECO, SAARC e EurAsEC<sup>5</sup>), além dos interesses da Rússia, Estados Unidos, China e Índia, parece bastar para observar com atenção como os atuais acontecimentos influenciarão os desdobramentos futuros.

---

<sup>5</sup> **ECO** – Economic Cooperation Organization. Organização de cooperação regional composta por dez países: Afeganistão, Azerbaijão, Irã, Cazaquistão, Quirguistão, Paquistão, Tadjiquistão, Turquia, Turcomenistão e Uzbequistão.

**SAARC** – South Asian Association for Regional Cooperation. Organização de integração regional do Sul da Ásia: Afeganistão, Bangladesh, Butão, Índia, Maldivas, Nepal, Paquistão, Sri Lanka.

**EurAsEC** – Eurasian Economic Community. Organização de cooperação econômica e integração dos países da ex-URSS: Belarus, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão e Uzbequistão.



do Sul e Central que permite passagem às drogas e aos grupos terroristas (PURUSHOTTAM, 2010:3).

O governo do Tadjiquistão objetivava através de sua iniciativa suplantar a projeção iraniana em termos de influência política na região, isto porque Teerã promoveu reuniões trilaterais, potencialmente concorrentes, com o Afeganistão e Tadjiquistão em 2007 (EPAA, 2007:online), e posteriormente, com o Afeganistão e Paquistão em 2009 (GONCHAROV, 2009:online) para discussão do problema afegão. Também era preocupação do governo tadjique tornar mais eficiente o monitoramento dos cerca de 1.400 km de fronteira com o Afeganistão, que é corredor para o tráfico de drogas e para a circulação e articulação de grupos terroristas. Outra intenção do governo do Tadjiquistão foi buscar parcerias para seus projetos de infraestrutura e recuperação econômica, dada a crise econômica que assola o país desde 2008.

A Rússia, por seu turno, aceitou o convite tadjique de fazer parte do encontro porque, desde o governo de Vladimir Putin, tem envidado esforços para participar do cenário político regional centro e sul-asiático. Primeiro para manter sua influência na região do “exterior próximo”<sup>6</sup> (FPC, 2000) frente ao aumento da presença de atores externos como os Estados Unidos. Segundo, em resposta às ameaças percebidas em relação ao aumento do fundamentalismo islâmico e ao tráfico de drogas do Afeganistão<sup>7</sup>. E por último, pela mudança em sua política de segurança em relação ao Afeganistão, do qual Moscou retirou suas tropas em 1989. Para além dos pontos mencionados, o governo de Dmitri Medvedev busca inserir o setor energético russo no mercado asiático, pois se estima que os países da região demandem cerca de 60% de toda energia produzida até 2035 (MUZALEVSKY, 2011:online).

O Paquistão, além da intenção conjunta de combate ao terrorismo, buscou estreitar as relações com o Tadjiquistão para fornecimento de energia. E, ineditamente, Islamabad aproximou-se de Moscou com fins políticos, econômicos e militares,

---

<sup>6</sup> O termo exterior próximo se refere aos países membros da CEI – Comunidade dos Estados Independentes, e as demais ex-repúblicas soviéticas. Tal conceito compreende o cenário mais importante para atuação da política externa russa, contextualizado pelo fato de a diplomacia determinar essa zona como sendo vital para seus interesses, agindo de forma a solucionar e prevenir conflitos, vigiar e defender as fronteiras através de uma interação bi e multilateral. Assim, são priorizadas “vinculações econômicas, de infraestrutura, populacionais e geográficas”. (ZHEBIT, 1993, p. 262).

<sup>7</sup> Cerca de 90% da heroína consumida na Rússia provém do Afeganistão, e ¼ da produção afegã é destinada à Rússia. O governo russo estima que 30 mil pessoas morram por ano devido ao consumo de heroína.



relacionados à transferência de tecnologia e acesso ao mercado russo<sup>8</sup>. O governo paquistanês também tem interesse em fazer parte da iniciativa como forma de aproximação do Afeganistão e para manter a sua influência no país vizinho após 2014, data prevista para a retirada das tropas estadunidenses.

Já o Afeganistão percebeu a possibilidade de criação de parcerias para a estabilização e reconstrução do país e, por isso, diminuiu o tom crítico em relação à Rússia e a alegada herança de instabilidade deixada pelos soviéticos (GONCHAROV, 2009:online). O governo Karzai também amenizou as críticas ao Paquistão, acusado de utilizar grupos para manter a insegurança no país e, em consequência, a influência de Islamabad na política nacional.

No tocante à estabilidade e cooperação regional, destacam-se os projetos de infraestrutura energética e de transportes. A exemplo da linha de transmissão de eletricidade do Central Asia-South Asia 1000 (CASA-1000), com capacidade de 1000 MWh de suprimento anual entre Tadjiquistão, Paquistão e Afeganistão (o **Mapa 2** apresenta o plano de construção de linhas de fornecimento de energia relativo ao CASA-1000). Inclusive, o projeto visa integrar os mercados do Sul e Centro da Ásia e é depositário do interesse russo em financiar US\$500 milhões para a construção da estrutura avaliada em US\$680 milhões, que ainda permanece em análise de viabilidade (RIA NOVOSTI, 2011:online).

**Mapa 2** – Projeto CASA-1000.



**Fonte:** CASA-1000, 2010: online. (Domínio Público)

<sup>8</sup> Incrementar os laços de amizade com os países da Ásia Central estão entre as prioridades paquistanesas, contudo, requer a consolidação da cooperação com a Rússia (RAHMAN, 2006: 221).

Há também a intenção de construção de uma infraestrutura de transporte (estradas e ferrovias) ligando o Tadjiquistão e o Paquistão através do corredor de Wakhan (ver **Mapa 3**), no noroeste do Afeganistão, e possibilitando o acesso estratégico às águas quentes do Mar Árábico e ao Oceano Índico respectivamente através dos portos de Gwadar e Karachi<sup>9</sup> (PURUSHOTTAM, 2010:3, JONSON, 2001:95-98).

Os compromissos e interesses tratados em Dushanbe foram reiterados em Sochi. Os países retomaram as iniciativas para instituir uma rota de escoamento, principalmente, de petróleo, gás natural e eletricidade. Também foi proposta uma maior institucionalização e regionalização do combate ao terrorismo e ao tráfico de drogas. De acordo com Lavrov, os quatro países buscariam incluir estas questões no âmbito da OTSC e da OCX, o que constitui um importante indicador acerca da natureza qualitativa das relações da região (RADYUHIN, 2010:online).

**Mapa 3** – Corredor de Wakhan



**Adaptado de:** PERRY-CASTAÑEDA LIBRARY MAP COLLECTION, 2008b. (Domínio Público)

<sup>9</sup> Inclusive há a possibilidade de esses portos serem conectados à China através da Estrada Karakorum, já em construção no Passo Khunjerab.

É sintomático que o Ministro de Relações Exteriores da Rússia coloque a OTSC e a OCX em um mesmo plano: assinala a transição da hegemonia tradicional russa na região para uma hegemonia coletiva. Conforme destaca Adam Watson a diferença entre hegemonia e hegemonia coletiva é que nesta última as regras são escritas em conjunto (WATSON, 2004:29, 338, 340). Diferentemente das hegemonias tradicionais as coletivas não comportam áreas de influência exclusiva (WATSON, 2004:336). Contudo, importa notar que “o concerto combina as vantagens da hegemonia com o equilíbrio do poder” (WATSON, 2004:349). Trata-se, pois, de um tipo de arranjo que continua sendo precário e dependente das capacidades dos Estados envolvidos em fazerem valer seus interesses pela força se necessário.

Neste sentido, o de formular laços securitários sem áreas de influência exclusiva, Sochi também se destacou por marcar uma aproximação entre a Rússia e o Paquistão. Após o encontro, ambos os países reafirmaram tratados relacionados às transações econômicas bilaterais, além de acenarem com a possibilidade de projetos conjuntos nas áreas de combustíveis, energia, ferrovias e siderurgia (KANENEV, 2010: online).

O anúncio da retirada de tropas dos Estados Unidos do Afeganistão reforçou a participação russa naquele teatro, concretizada a partir dos resultados da Cúpula de Lisboa em Novembro de 2010. As negociações de Lisboa, a retomada do Conselho Rússia-OTAN<sup>10</sup> e as articulações dessas partes em torno da questão afegã são um reflexo da nova inserção russa na Ásia Central. Esta região se tornou a principal fiadora da cooperação entre Rússia e OTAN a despeito do malogro das finalidades mais ousadas da Cúpula de Lisboa.

Na prática, esta reaproximação se converteu no compromisso de Moscou em simplificar o transporte de suprimentos via espaço aéreo russo para o abastecimento das forças ocidentais em território afegão, a continuidade do treinamento de pessoal em centros especializados russos, além de ações conjuntas com a OTAN para reforçar a capacidade combativa do exército e a criação de um fundo para a manutenção dos helicópteros afegãos. Tais resultados, somados ao acordo anterior de fornecimento de 21 novos helicópteros Mi-17 e de armas leves (os russos doaram 20.000 fuzis

---

<sup>10</sup> O Conselho Rússia-OTAN fora suspenso em 2008 como resultado da invasão russa na Geórgia.

Kalashnikov e 2.500.400 munições) servem como indicadores do aumento da presença russa na campanha afegã (KRÁMNIK, 2010:online; OTAN, 2010:online; RIA NOVOSTI, 2010a:online; RIA NOVOSTI, 2010b:online).

As Cúpulas de Dushanbe e Sochi são sintomas da volta do conceito de “Concerto” vigente no sistema internacional do século XIX, ora aplicado às realidades da Ásia Central e do Sul – a presença da “hegemonia coletiva”. Revela a retomada do interesse russo na região, e a redefinição do padrão de alianças vigentes à época da Guerra Fria. Indica o papel desempenhado por países como Afeganistão, Paquistão e Tadjiquistão para a Nova Ordem Internacional. O que permite que países deste porte, e não apenas grandes potências, contribuam para o equilíbrio: é o fenômeno da regionalização. Assim, para entender a iniciativa quadrilateral, é necessário fazer uma avaliação de como os países envolvidos atuam, quais seus interesses essenciais na criação de tal concerto e quais as limitações impostas por demais agentes regionais.

## **2. Uma análise da iniciativa quadrilateral para o contexto regional centro e sul-asiático.**

O desengajamento das forças ocidentais do território afegão e a crescente participação russa podem ser compreendidos como uma articulação entre grandes potências e países da periferia tradicional. Faz menção à necessidade estadunidense de deixar a região em função de sua crise econômica associada ao retorno estratégico da política externa de Moscou para a Ásia meridional. Essa maior participação do governo russo no combate ao terrorismo conforma um novo tipo de regionalismo nos moldes da cooperação Sul-Sul (VISENTINI, CEPIK, PEREIRA, 2010; VISENTINI, 2010)<sup>11</sup>.

Mais que retomar sua “área de influência” na Ásia Central dentro da perspectiva de uma hegemonia tradicional – o que por certo também ocorre dado que Moscou relançou a OTSC – a Rússia pretende inserir-se no âmbito da construção da “Nova Rota da Seda” que pavimenta as comunicações e a infraestrutura de Tóquio a Roma e que, forçosamente, percorre os caminhos da Ásia Central. É justamente este aspecto que une

---

<sup>11</sup> Estas referências contêm exemplos do modelo de cooperação Sul-Sul entre outros países, como o da formação do Fórum IBAS (Índia, Brasil e África do Sul) e a de China e Índia com nações africanas.



o regional ao global, o centro à periferia, e o que permite que se inaugurem novas formas de cooperação entre países emergentes e de terceiro mundo.

Importa perceber que a cooperação Sul-Sul é um fenômeno recente no sistema internacional. De certa forma, contraria a espontaneidade tanto da divisão internacional do trabalho quanto da competição interestatal. Conforme o modelo cepalino<sup>12</sup> as relações entre os países da periferia tendem a ser de competição por investimentos e colocação de seus produtos primários e matérias-primas nos países centrais. Deste modo a estrutura do sistema internacional, seu equilíbrio ou polaridade, tende a ser explicada através das grandes potências, apenas pela posição dos países centrais.

Contudo, esta perspectiva analítica é posta em evidência por Buzan e Wæver (2003:40-65) com o conceito de complexo regional de segurança. A regionalização é, nesta abordagem, um artifício engendrado pelo sujeito contra a lógica imanente do objeto (a competição). A cooperação Sul-Sul efetiva a regionalização justamente por depender da concertação entre diversos países para alavancagem de investimentos em infraestrutura de transportes e energia. Em termos sucintos, a cooperação Sul-Sul é caracterizada pela substituição dos investimentos oriundos originalmente dos integrantes da OCDE<sup>13</sup> pelos BRICS<sup>14</sup>. Como os últimos ainda são débeis em exportação de capitais, o procedimento do concerto torna-se imprescindível para a efetivação de investimentos. O paradoxo é que a despeito da regionalização ser um artifício da consciência, atualmente responde as demandas sistêmicas do capital e um novo equilíbrio internacional. O resultado é a multiplicação de um regionalismo aberto onde ao invés de áreas de influência exclusivas, características do imperialismo tradicional, há uma sobreposição de hegemonias que acabam por conformar um grande “Concerto Mundial” multipolar<sup>15</sup>. Neste sentido, as relações estabelecidas entre os

---

<sup>12</sup> Modelo Cepalino – modelo analítico que consiste em explicar a desigualdade entre as nações a partir de uma dialética existente entre “centro” (os antigos “impérios”) e “periferia” (as antigas colônias).

<sup>13</sup> OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Composta pelos países mais ricos do mundo, que se confundem com o denominado “centro” (Cepal), “núcleo orgânico do capitalismo” (Gionanni Arrighi), o G-7 (OMC), entre outras classificações.

<sup>14</sup> BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

<sup>15</sup> Na região do quarteto sobrepõem-se simultaneamente a influência dos Estados Unidos como superpotência, da Rússia e China como grandes potências, da OCX como organização de cooperação da Ásia, da OTSC no espaço ex-soviético e da própria OTAN.

países emergentes dos BRICS e os países subdesenvolvidos se pautam mais pela cooperação, pelo diálogo, e pela percepção de ganhos mútuos do que pela imposição pela força dos desígnios da metrópole.

Em uma perspectiva histórica, desde a retirada dos soviéticos do Afeganistão em 1989, até o início do novo milênio, as mudanças do cenário internacional e as transformações internas verificadas no bloco comunista limitaram a atuação da Rússia no espaço sul-asiático e reduziram sua influência na Ásia Central. O recuo russo possibilitou o crescimento da militância *jihadista* e da guerra irregular, e o surgimento de governos resistentes a qualquer tipo de ingerência de Moscou nos assuntos dos países das duas regiões (RASHID, 2003:35-42, 75-90).

Do ponto de vista estratégico, o governo russo perdeu substancial influência internacional e áreas vitais para seus interesses de política exterior, como os relacionados à saída para os mares do sul e a exploração de petróleo no Mar Cáspio. Acrescente-se a isso que a decadência dos partidos comunistas nos países do antigo bloco soviético, ao longo da década de 1990, afastou as fronteiras russas da Ásia central e do sul. O que por sua vez possibilitou a substituição do governo de Moscou pela influência da China.

Para os russos, o afastamento da região se modificou devido a transformações internas e externas. Internamente, a ascensão do governo “nacionalista conservador” de Vladimir Putin e a proposta de uma nova política externa para o país, mais assertiva e ativa, pode ser indicada como a primeira mudança. Por sua vez, a guerra ao terror desencadeada pelo governo estadunidense em 2001 oportunizou a convergência da própria ação do governo russo de combate aos separatistas, extremistas e terroristas internos<sup>16</sup> com a agenda internacional. Contexto que propiciou novas possibilidades de inserção russa na Ásia Central e do Sul.

---

<sup>16</sup> Os principais movimentos separatistas em território russo localizam-se no Cáucaso do Norte, compreendendo as unidades federativas russas da Tchetchênia, Daguestão, Ingushetia, Ossétia do Norte, Adyega, Karachevo-Cherkessia e Kabardino-Balkaria. Neste contexto originam-se o que os russos consideram como grupos terroristas, em especial de etnia tchetchena, responsáveis pelos ataques de Nord-Ost (2002) e Beslan (2004), e outros em Moscou.

Assim, os interesses de Moscou na Ásia Central e do Sul são múltiplos. Com relação ao contexto centro-asiático, a Rússia busca garantir sua influência no que se convencionou chamar de exterior próximo. A presença no Sul da Ásia, por sua vez, além de simbolizar para o Ocidente a força de Moscou para mobilizar antigos e novos aliados, tem por preocupação básica retomar projetos soviéticos, agora ampliados, de modernização da infraestrutura e criação de mercados consumidores de serviços não só no Paquistão, mas também no Afeganistão.

No tocante ao tema da guerra ao terror, combate ao tráfico de drogas e pacificação do Afeganistão, pode-se afirmar que ocorreu uma institucionalização securitária gradual, desde 2001 (THORUN, 2009:121). Tanto a Rússia quanto a China criaram a OCX para combater o terrorismo, o separatismo, o tráfico de drogas e o extremismo político. Contudo, também para promover a integração econômica e a cooperação em infraestrutura. Deste modo, a adesão à agenda de Washington permitiu a realização de um *bandwagoning* seletivo em que russos e chineses aderiram à campanha estadunidense com o fito de promover seus próprios interesses securitários e de regionalização. Importa compreender que neste caso, para além do *bandwagoning*, a securitização foi fiadora da construção de processos de integração ou cooperação regional em regiões onde o processo era inexistente ou em que havia franca rivalidade, como é o caso do Sul da Ásia. Este é o contexto em que se deve interpretar a iniciativa quadrilateral. Ela resulta desta estratégia, nem mesmo as agendas de infraestrutura, produção e comércio estavam ausentes de esforços de regionalização anteriores como ilustra o exemplo da OCX, ou mesmo da UNASUL (CEPIK, 2010:4-6). A segurança, paradoxalmente, tornou-se garantidora dos processos de integração regional e cooperação inter-regional.

Os interesses russos no Paquistão podem ser interpretados como uma tentativa de disputar com os Estados Unidos a influência sobre um de seus principais aliados. Além disso, há um esforço da Rússia (com ajuda da China) em pacificar o Afeganistão “por baixo” através da negociação com grupos étnicos. A estratégia para combater a insurgência talibã seria instituir um governo de coalizão composto pelos integrantes da

Aliança do Norte, hoje no poder, e por membros da etnia pashtun<sup>17</sup> a que pertence o talibã. A parceria entre Rússia e Tadjiquistão seria uma alternativa para negociar com grupos étnicos-políticos internos afegãos para o estabelecimento de um governo que atenda seus interesses. Neste processo, o governo de Dushanbe teria como tarefa convencer os tadjiques<sup>18</sup> desta intenção. Ao governo de Islamabad caberia exercer influência sobre os pashtuns e o talibã paquistanês. Fator importante para entender este processo de concertação é ter em conta que as etnias da região se converteram, ao longo da história, em entidades políticas transnacionais, de forma que os tadjiques afegãos têm estreitas ligações com o Tadjiquistão. E, por seu turno, os pashtuns afegãos e paquistaneses compartilham um sentimento de identidade muito mais forte no âmbito da etnia do que de identidade nacional. (BARTH, 2000: 72)

Se a Guerra do Terrorismo, paradoxalmente, tem possibilitado à Rússia voltar a atuar no centro e sul da Ásia, também permitiu ao Paquistão novas oportunidades de inserção na região e incremento de sua autonomia relativa. Para o governo de Islamabad, o perdão de grande parte da dívida externa, os bilhões de dólares em assistência social e militar (CORNELL, 2006:301-302; MOMANI, 2004:45), e o amparo político concedido pela superpotência ocidental, significaram um novo fôlego para o país, que passou por uma grave crise econômica, social e política ao longo da década de 1990. Além do que, o novo papel do Paquistão na região garantiu a renovação de parcerias importantes, como a chinesa, antes desgastada pelas ações de setores estatais como o ISID – *Inter-Services Intelligence Directorate*, e sua *proxy war* na Caxemira, que ressoava nos extremistas muçulmanos uigures de Xinjiang. Assim, o Paquistão tem buscado ampliar o leque de parcerias regionais e internacionais.

Tanto Tadjiquistão, Afeganistão e Paquistão, possuem interesses compartilhados no sucesso da iniciativa quadrilateral, pois detém o potencial para ser um núcleo de conexão e passagem de linhas de comércio, transporte e comunicação entre as diversas partes da região euro-asiática. Essa proposta depende, indubitavelmente, de um projeto

---

<sup>17</sup> A etnia *pashtun* é transfronteiriça, abrangendo ambos os territórios de Paquistão e Afeganistão. Ademais, é principal fonte de recrutamento do movimento talibã.

<sup>18</sup> A etnia tadjique faz parte do atual governo afegão, juntamente com outros grupos como os uzbeques e hazaras.



complexo envolvendo a saída gradual das tropas ocidentais, a transferência dos custos da estabilização (o chamado *buck passing*) para uma potência regional, como a Rússia (MEARSHEIMER, 2003:138, 157-159) e a convergência política entre grupos étnicos na composição e reestruturação do governo afegão. Além disso, também se faz necessário o controle de grupos extremistas islamistas, o combate ao tráfico de narcóticos na área limítrofe entre Tadjiquistão e Afeganistão, e a estabilização das fronteiras entre Afeganistão e Paquistão.

Contudo, são muitos os empecilhos à consumação das transformações e objetivos anteriormente indicados. Em relação ao Afeganistão há uma disputa histórica entre os diversos grupos etno-políticos para ascender ao poder estatal. Em raros momentos do passado da região foi possível a formação de um governo de coalizão que respeitasse os interesses das diversas organizações políticas do país. Por isso é consistente considerar os conflitos subestatais, e não a cooperação, como um elemento de longa duração. O quadro se agrava quando se tem em conta o contexto geográfico em que as fronteiras são fluídas e, em que os governos nacionais não têm o poder necessário para controlar a movimentação de agentes transnacionais.

E para a Rússia há o problema de converter-se no principal financiador da iniciativa, algo que tenciona a capacidade dos meios de pagamento do governo russo que possui suas próprias dificuldades. Também permanece em aberto saber se a não-inclusão da Índia representa uma transformação no quadro de alianças, ou se pelo contrário, pode exercer um papel significativo relativo ao financiamento dos compromissos propostos pelas Cúpulas. A expectativa de inclusão da Índia justifica-se tanto por seu peso específico na região, quanto pela própria ascensão dos BRICs à condição de exportadores de capitais – confirmando as previsões feitas pelo Banco Goldman Sachs.

### **Considerações Finais**

Independente das substanciais metas e desafios propostos pelo Fórum Quadrilateral há que se ter em conta a precocidade, incertezas e amplitude do projeto para sua consolidação. Restou claro que tem o mérito de permitir que os obstáculos

representados por ameaças como o tráfico de drogas e terrorismo sejam administrados através de dispositivos regionais.

Também é significativo o esforço dos países centro e sul-asiáticos tomarem a frente no processo de integração, muito em resposta aos dilemas sociais que compartilham, e se apoiarem em uma potência que não faz parte do núcleo orgânico do capitalismo – no caso, a Rússia – para cumprir este objetivo. Reconhecidos os propósitos dos países envolvidos e as articulações e avanços das duas cúpulas, resta indicar alguns outros elementos da equação, que podem contribuir para o sucesso ou o fracasso da tarefa.

Importa observar o papel que irão cumprir Estados Unidos, China e Índia, até o presente fora das negociações. Ainda é muito cedo para saber qual será a posição dos Estados Unidos sobre o Fórum Quadrilateral. Apesar da crise econômica e de seu visível declínio relativo, os Estados Unidos conservam uma posição de proeminência nos assuntos mundiais. Para se aferir o elemento residual de unipolaridade na multipolaridade, basta-se inferir acerca do resultado das eleições de 2012 nos EUA. Dificilmente se deixará de reconhecer que o retorno dos neoconservadores pode significar uma contra-tendência ao processo de regionalização ora em curso. Visto que Obama tem feito uso da regionalização para reduzir o custo da presença militar estadunidense no exterior (*buckpassing*). Impossível predizer o que ocorreria no caso da vitória neocon. Contudo, é razoável supor que haveria uma alteração drástica nos padrões ora vigentes de diplomacia.

Do mesmo modo que os EUA, a China também é um dos “ausentes” do Fórum Quadrilateral. Até o momento, Beijing não formulou críticas em relação aos encontros. Embora estes possam se constituir em um obstáculo aos seus interesses. Contudo, é razoável supor que, sem uma modificação drástica num posicionamento estadunidense, a China tende a acomodar-se com relativa facilidade aos padrões de regionalização e cooperação inter-regional dos quais é uma das principais fomentadoras.

Por fim, contabilizadas as dificuldades, as ações de países externos e as exigências e eventuais discordâncias de agentes internos; fica evidente a necessidade de novos e ampliados estudos que levem em consideração perspectivas distintas e novas

interpretações não apenas para o Fórum Quadrilateral, mas para as substantivas mudanças que o continente asiático vem sofrendo nos últimos anos.

## **REFERÊNCIAS**

- BARTH, Fredrik. A identidade pathan e sua manutenção. In: BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BUZAN, Barry; WÆVER, Ole. Regions and Powers: The Structure of International Security. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.
- CASA-1.000. Central Asia - South Asia Regional Electricity Market – CASAREM. CASA-1000 Feasibility Study Update. 2010. Disponível em: <<http://casa-1000.com/default.php>>, Acesso em 28 de julho de 2011.
- CEPIK, Marco. Regional Security and Integration in South America: What UNASUR could learn from the OSCE and the Shanghai Organization experiences? In: LASA XXIX International Congress, Toronto, 2010.
- CORNELL, Svante E. Pakistan's Foreign Policy: Islamic or Pragmatic? In: SHAFFER, Brenda. (ed.) The Limits of Culture. Islam and Foreign Policy. Cambridge; Londres: MIT Press, 2006.
- DTN News. Sochi Summit seeks to break curse of Afghan heroin. Disponível em: <[www.defense-technologynews.blogspot.com/2010/08/dtn-news-sochi-summit-seeks-to-break.html](http://www.defense-technologynews.blogspot.com/2010/08/dtn-news-sochi-summit-seeks-to-break.html)>, acesso em 27 de julho de 2011.
- EPAA. Export Promotion Agency of Afghanistan. Iran, Afghanistan, Tajikistan stress expansion of cooperation. Ministry of Commerce and Industry, 2007. Disponível em: <[www.epaa.org.af/index.php?page=en\\_IAT+Cooperation](http://www.epaa.org.af/index.php?page=en_IAT+Cooperation)>, acesso em 29 de julho de 2011.
- FPC. Foreign Policy Concept of the Russian Federation. 2000. Disponível em: <[www.kremlin.ru/eng/text/docs/2008/07/204750.shtml](http://www.kremlin.ru/eng/text/docs/2008/07/204750.shtml)>, acesso em 27 de julho de 2011.
- GONCHAROV, Pyotr. Dushanbe Four takes on Afghan issue. RIA NOVOSTI, 03 de agosto de 2009. Disponível em:

<<http://en.rian.ru/analysis/20090803/155714424.html>>, acesso em 27 de julho de 2011.

JONSON, Lena. Russian and Central Asia. In: ALLISON, Roy; JONSON, Lena. Central Asian Security: the new international context. Brookings Institution: Washington, 2001.

KANENEV, Sergei. Russia and Pakistan After the Sochi Fourlateral Summit. Oriental Review. Agosto/2010. Disponível em: <<http://orientalreview.org/2010/08/23/russia-and-pakistan-after-the-sochi-fourlateral-summit/>>, acesso em 20 de julho de 2011.

KRÁMNIK, Iia. Cumbre Rusia-OTAN definió la estrategia en Afganistán y sentó la base para la seguridad de Europa. RIA Novosti, 24 de novembro de 2010. Disponível em: <[http://sp.rian.ru/opinion\\_analysis/20101124/147947537.html](http://sp.rian.ru/opinion_analysis/20101124/147947537.html)>, acesso em 29 de julho de 2011.

MEARSHEIMER, John. The Tragedy of Great Power Politics. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

MOMANI, Bessma. The IMF, the U.S. War on Terrorism, and Pakistan. Asian Affairs. Vol. 31, n.º 1, pp. 41-50, 2004.

MUZALEVSKY, Roman. Enhancing Pakistan's Energy Security. ISN - International Relations and Security Network. 18 de Julho de 2011. Disponível em: <<http://www.isn.ethz.ch/isn/Current-Affairs/ISN-Insights/>>, acesso em 20 de julho de 2011.

OTAN. Organização do Tratado do Atlântico Norte. NATO-Russia Council Joint Statement. Lisboa. Novembro de 2010. Disponível em: <[http://www.nato.int/cps/en/natolive/news\\_68871.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/news_68871.htm)>, acesso em 27 de julho de 2011.

PERRY-CASTAÑEDA LIBRARY MAP COLLECTION, University of Texas Libraries. Ásia Maps – Mapa Político da Ásia. 2008a. Disponível em: <[http://www.lib.utexas.edu/maps/middle\\_east\\_and\\_asia/txu-oclc-247232986-asia\\_pol\\_2008.jpg](http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/txu-oclc-247232986-asia_pol_2008.jpg)>, acesso em 08 de agosto de 2011.

PERRY-CASTAÑEDA LIBRARY MAP COLLECTION, University of Texas Libraries. Afghanistan Maps – Divisões Administrativas do Afeganistão. 2008b. Disponível em: <[http://www.lib.utexas.edu/maps/middle\\_east\\_and\\_asia/txu-oclc-309296021-afghanistan\\_admin\\_2008.jpg](http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/txu-oclc-309296021-afghanistan_admin_2008.jpg)>, acesso em 08 de agosto de 2011.



- PURUSHOTTAM, Smita. The Sochi Summit: Fresh Moves on the Grand Eurasian Chessboard. IDSA Issue Brief, Agosto/2010, pp. 1-8.
- RADYUHIN, Vladimir. Four nation pact to fight terrorism. The Hindu, 19 de Agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.thehindu.com/news/international/article580431.ece>>, acesso em 27 de julho de 2011.
- RAHMAN, Fazal-ur. Pakistan's Evolving Relations with China, Russia, and Central Asia. Anais do Congresso do Centro de Pesquisa Eslava - Universidade de Hokkaido/Japão. 2006. Disponível em: <[http://src-h.slav.hokudai.ac.jp/coe21/publish/no16\\_1\\_ses/11\\_rahman.pdf](http://src-h.slav.hokudai.ac.jp/coe21/publish/no16_1_ses/11_rahman.pdf)>, acesso em 21 de julho de 2011.
- RASHID, Ahmed. Jihad. A ascensão do islamismo militante na Ásia central. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.
- RIA NOVOSTI. Russia ready to invest \$500 million in Central Asian electricity project. 21 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://en.rian.ru/world/20110121/162243812.html>>, acesso em 27 de julho de 2011.
- RIA NOVOSTI. Russia flexible on supply of Mi-17 helicopters to Afghanistan. 17 de agosto de 2010a. Disponível em: <[http://en.rian.ru/military\\_news/20100817/160236850.html](http://en.rian.ru/military_news/20100817/160236850.html)>, acesso em 27 de julho de 2011.
- RIA NOVOSTI. Russia concluye suministros gratuitos de Kaláshnikov a Afganistán. 12 de Novembro de 2010b. Disponível em: <<http://sp.rian.ru/international/20101112/147886264.html>>, acesso em 08 de agosto de 2011.
- STAR, S. Frederick & KUCHINS, Andrew C. The Key to Success in Afghanistan. A Modern Silk Road Strategy. Washington: Central Asia-Caucasus Institute & Silk Road Studies Program, 2010.
- THORUN, Christian. Explaining change in Russian foreign policy: the role of ideas in post-Soviet Russia's conduct towards the West. Londres: Palgrave Macmillan, 2009.
- VISENTINI, Paulo G. Fagundes. A China e a Índia na África: imperialismo asiático ou cooperação Sul-Sul? Ciências & Letras, n.º 48, p. 13-28, jul./dez. 2010.

VISENTINI, Paulo; CEPIK, Marco; PEREIRA, Analúcia. G3, Fórum de Diálogo IBAS: uma experiência de Cooperação Sul-Sul. Curitiba: Juruá, 2010.

WATSON, Adam. A evolução da sociedade internacional: uma análise histórica comparativa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

ZHEBIT, Alexandre A. Reflexões sobre a Nova Concepção de Política Externa da Rússia. Contexto Internacional, Rio de Janeiro, vol. 15, nº2, jul/dez 1993, pp. 259-277.

*Artigo recebido dia 14 de agosto de 2011. Aprovado em 15 de setembro de 2011.*

## **RESUMO**

Este artigo trata da formação do Fórum Quadrilateral composto por Afeganistão, Paquistão, Rússia e Tadjiquistão, criado em 2009. Este Fórum marca a volta da Rússia como ator de peso no “Grande Jogo” no Ásia Central e do Sul e a afirmação de um novo tipo de regionalização baseada na cooperação Sul-Sul.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Rússia; Fórum Quadrilateral; Cooperação Sul-Sul.

## **ABSTRACT**

This article aims to study the formation of the Quadrilateral Summit established in 2009 comprising Afghanistan, Pakistan, Russia and Tajikistan. This forum signalizes both the return of Russia as an important player in Central and Southern Asia and the affirmation of a new sort of regionalization based on South-South cooperation.

## **KEYWORDS**

Russia; Quadrilateral Summit; South-South Cooperation.